

EMPREENDEDORISMO FEMININO E CONDIÇÕES DE TRABALHO NAS FEIRAS MUNICIPAIS DE PALMAS (TO)

Autor 1: Micaele Ribeiro Nascimento

Graduanda em Administração - Universidade Federal do Tocantins – UFT

E-mail: micaele.ribeiro@mail.uft.edu.br

Autor 2 : Geovana Neves Viana

Graduanda em Administração - Universidade Federal do Tocantins – UFT

E-mail: geovana.neves@mail.uft.edu.br

Autor 3: Gabriela Mariano Mendonça

Doutora em ciências - Universidade de São Paulo - USP

Email: gabriela.mendonca@mail.uft.edu.br

RESUMO

O empreendedorismo feminino nas feiras municipais de Palmas (TO) configura-se como estratégia de geração de renda, autonomia econômica e resistência social para mulheres que atuam majoritariamente na informalidade. A partir de entrevistas semiestruturadas com feirantes das regiões da Arnos, 304 Sul e Jardim Aurenny I, e observação direta dos ambientes, investigou-se condições de trabalho, desafios cotidianos e vulnerabilidades estruturais enfrentadas por essas empreendedoras. Os resultados indicam que, embora as feiras representem meio de sustento para muitas mulheres, persistem problemas relacionados à infraestrutura inadequada, ausência de políticas públicas, longas jornadas e precarização laboral. Observa-se que a realidade de Palmas reflete um cenário marcado por sobrecarga produtiva e reprodutiva, desigualdade de gênero e falta de apoio governamental. Conclui-se que políticas públicas, melhorias estruturais e inclusão produtiva são essenciais para fortalecer essas mulheres e promover trabalho digno.

Palavras-chave: trabalho feminino; feiras; trabalho informal; inclusão produtiva;

1 INTRODUÇÃO

No contexto brasileiro, o empreendedorismo feminino é marcado por profundas desigualdades estruturais que refletem não apenas questões econômicas, mas também sociais e culturais (BRASIL, 2024). Muitas mulheres ingressam no trabalho por conta própria, não necessariamente por oportunidade, mas por necessidade, diante da dificuldade de inserção no mercado formal, da baixa escolaridade e da responsabilidade pelo sustento familiar. Segundo dados do (SEBRAE, 2024), uma parcela significativa das mulheres empreendedoras no Brasil atua na informalidade, o que implica ausência de direitos trabalhistas, instabilidade financeira e limitação no acesso a políticas de crédito e capacitação.

Essa realidade é ainda mais acentuada entre mulheres negras, mães solo e residentes em regiões periféricas, evidenciando a interseção entre gênero, classe e raça e sua importância no contexto do empreendedorismo, como oportunidade para reverter situações de vulnerabilidade socioeconômica. Assim, as feiras livres, presentes em diversos municípios brasileiros, tornam-se espaços fundamentais de inclusão produtiva, permitindo que essas mulheres desenvolvam atividades econômicas, mesmo em condições adversas. Além disso,

pesquisas recentes apontam que as feiras funcionam não apenas como locais de comercialização, mas também como arenas de construção de redes sociais, cooperação entre empreendedoras e troca de conhecimento sobre gestão e práticas comerciais (GEM, 2025).

No estado do Tocantins, o empreendedorismo feminino também assume relevância crescente nas dinâmicas econômicas e sociais, mesmo que ainda enfrente desafios relevantes. Estudos sobre empreendedorismo na cidade de Palmas indicam a importância das mulheres no cenário empreendedor local, demonstrando tanto o protagonismo feminino quanto às dificuldades enfrentadas por esse grupo em contextos sociais e econômicos diversos. Conforme pesquisa recente, em 2023 cerca de 41,5 % dos empreendedores no Tocantins são mulheres, o que representa aproximadamente 39 280 empreendedoras ativas no estado, sendo que mais de 58 % delas desempenham papel de chefes de família e principais responsáveis pelo sustento doméstico (REIS; BORGES, 2023).

Esses números evidenciam tanto a participação significativa das mulheres no mercado empreendedor quanto às barreiras estruturais que persistem, como a necessidade de conciliar múltiplas funções familiares e profissionais e a limitada presença feminina em setores formais organizados. Além disso, a cidade de Palmas registra uma expressiva presença de microempreendedores individuais, com mais de 109.000 atendimentos realizados pela Casa do Empreendedor em 2025, o que aponta para um ambiente econômico em expansão e com grande potencial de atuação empreendedora (PREFEITURA DE PALMAS, 2025). Essa realidade local reforça que o empreendedorismo feminino em Palmas está inserido em um contexto mais amplo de transformações e desafios no Tocantins, no qual políticas públicas e ações de apoio específico podem contribuir para ampliar oportunidades, reduzir desigualdades e fortalecer o papel das mulheres na economia regional.

Dessa forma, analisar o empreendedorismo feminino nas feiras de Palmas (TO) permite compreender uma realidade local que dialoga diretamente com o cenário nacional, revelando padrões estruturais de desigualdade e resistência presentes em diferentes regiões do Brasil. O empreendedorismo feminino desempenha um papel fundamental na geração de renda, na autonomia econômica e na sustentação familiar em diferentes regiões do Brasil, especialmente entre mulheres que atuam de forma informal e em condições de vulnerabilidade.

Nas feiras municipais, esse fenômeno se torna ainda mais evidente, pois esses espaços funcionam como importantes pontos de comercialização, interação comunitária e inclusão produtiva. De acordo com dados recentes do (SEBRAE, 2024), o número de mulheres empreendendo no país cresce continuamente, embora esse avanço ocorra em meio a desigualdades estruturais, falta de apoio institucional e limitações impostas pela informalidade.

Em Palmas (TO), as feiras municipais situadas na Arnos, 304 Sul e Jardim Aurenny I evidenciam a centralidade das mulheres na dinâmica local de produção e comercialização. Muitas delas conciliam trabalho, cuidado com a família e deslocamentos diários, permanecendo longas horas nesses espaços para garantir o sustento de suas casas (PREFEITURA DE PALMAS, 2024; PREFEITURA DE PALMAS, 2018). Entretanto, estudos mostram que as feirantes enfrentam condições precárias de trabalho, como ausência de banheiros adequados, riscos de insegurança e falta de infraestrutura mínima para higiene e descanso, evidenciando fragilidade das políticas públicas voltadas a esses espaços (CARDOSO, 2023).

A literatura demonstra que o empreendedorismo feminino, apesar de ser um caminho para autonomia, é atravessado por obstáculos estruturais que afetam especialmente mulheres pobres, mães solas e trabalhadoras informais. Além disso, observa-se que a atuação dessas

mulheres constitui formas de resistência cotidiana frente às limitações estruturais do mercado informal. A organização coletiva, o compartilhamento de estratégias de venda, e a construção de redes de apoio entre feirantes demonstram que o empreendedorismo feminino não é apenas uma atividade econômica, mas também um fenômeno social de empoderamento e articulação comunitária (SEBRAE, 2024).

Essas evidências reforçam a importância de analisar o empreendedorismo feminino nas feiras de Palmas, destacando os mecanismos de resistência e organização coletiva adotados pelas feirantes e as condições objetivas que moldam seu cotidiano de trabalho. Assim, este estudo tem como objetivo investigar as condições de trabalho, os principais desafios enfrentados e a ausência de políticas públicas voltadas ao fortalecimento da atuação dessas mulheres, feirantes das que atuam na 304 Sul, Arnos e Jardim Aurenny I no município de Palmas, contribuindo para ampliar a compreensão sobre inclusão produtiva e desigualdade de gênero em contextos urbanos.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Empreendedorismo feminino

O empreendedorismo feminino tem se consolidado como objeto relevante de estudo nas últimas décadas, especialmente em países como o Brasil, onde grande parte das mulheres encontra no trabalho autônomo uma alternativa de sustento, autonomia financeira e participação econômica. As mulheres brasileiras estão entre as mais ativas no empreendedorismo de necessidade e também no empreendedorismo motivado por oportunidade, embora enfrentem barreiras estruturais que limitam a expansão de seus negócios (SEBRAE, 2024).

Pesquisas destacam que o empreendedorismo feminino é influenciado por múltiplas dimensões culturais, sociais, econômicas e familiares que produzem oportunidades, mas também criam obstáculos específicos para as mulheres. Natividade (2009) argumenta que, no Brasil, a escolha por empreender frequentemente surge da dificuldade de inserção no mercado de trabalho formal, da baixa oferta de empregos de qualidade e das desigualdades de gênero persistentes. Dessa forma, empreender aparece como uma alternativa para equilibrar responsabilidades domésticas, maternas e produtivas, constituindo alternativa viável para muitas mulheres.

Além disso, estudos recentes analisam o empreendedorismo feminino como fenômeno atravessado por desigualdades estruturais. Mulheres enfrentam maiores restrições de acesso ao crédito, menor reconhecimento profissional e desafios significativos relacionados à conciliação entre trabalho remunerado e cuidado familiar. Souza e Carvalho (2021) ressaltam que essas barreiras são agravadas por estereótipos de gênero que historicamente associam as mulheres ao espaço doméstico, limitando seu acesso às redes de apoio, aos recursos financeiros e às condições favoráveis de crescimento.

Outro aspecto relevante refere-se à importância das redes de sociabilidade no fortalecimento das empreendedoras. Em contextos de informalidade, observa-se que muitas mulheres desenvolvem relações de cooperação, troca de informações e apoio mútuo como estratégia de permanência na atividade econômica. De acordo com Hirata e Kergoat (2007), as relações sociais de trabalho são marcadas por desigualdades de gênero, o que faz com que as mulheres desenvolvam estratégias coletivas de organização e resistência diante das dificuldades impostas pelo mercado de trabalho. Nesse sentido, as redes de sociabilidade tornam-se importantes mecanismos de apoio e fortalecimento das atividades desenvolvidas por mulheres em contextos de trabalho informal.

O empreendedorismo feminino também está ligado à busca por autonomia econômica e por maior controle sobre o próprio tempo e os próprios processos de trabalho. Entretanto, como apontam Peduzzi e Rodrigues (2020), essa autonomia é limitada por fatores como dupla jornada, ausência de políticas públicas de apoio e desigualdades no acesso à formação profissional. Mesmo assim, muitas mulheres encontram no empreendedorismo uma forma de resistência às estruturas que restringem sua participação plena no mercado de trabalho.

Dessa forma, compreender o empreendedorismo feminino exige considerar as múltiplas camadas que moldam a experiência das mulheres enquanto trabalhadoras e gestoras, incluindo aspectos da informalidade, das responsabilidades domésticas, do acesso a recursos, das redes de apoio e das relações de poder. Esse conjunto de fatores permite analisar de forma crítica os desafios enfrentados por mulheres que empreendem em diferentes contextos, especialmente em territórios urbanos marcados pela precarização do trabalho e pela desigualdade de gênero.

2.2 Feira municipal como local empreendedor

No contexto das feiras livres, o papel das mulheres é particularmente expressivo. Feiras municipais e comunitárias funcionam como espaços tradicionais de circulação de alimentos, sociabilidade e economia local. Estudos como o de Cardoso & Ferreira (2023) mostram que as mulheres feirantes realizam atividades que exigem esforço físico constante, organização e dedicação, o que amplia sua carga de trabalho e evidencia condições frequentemente adversas. A presença feminina nesses ambientes, contudo, é fundamental para a dinâmica produtiva e para a renda familiar.

Para Reis e Borges (2023), as motivações que levam mulheres a empreender incluem tanto a necessidade de garantir o sustento da família quanto a busca por autonomia, flexibilidade e realização pessoal. A literatura também evidencia que muitas mulheres encontram no ambiente das feiras um espaço de acolhimento comunitário, onde conseguem construir relações de confiança com clientes e outros feirantes, criando redes de apoio informal que contribuem para a permanência no negócio.

Além disso, estudos recentes destacam que o empreendedorismo feminino nas feiras atua como mecanismo de resistência social e política, especialmente em regiões onde a presença institucional é limitada. Conforme argumentam Mariano, Ferreira e Souza (2022), as feirantes não apenas geram renda, mas também criam formas de organização coletiva que podem influenciar políticas locais e demandar melhorias de infraestrutura, evidenciando a dimensão social do empreendedorismo feminino.

Apesar dessa relevância, a atuação feminina nas feiras é marcada por condições precárias de trabalho, especialmente no que diz respeito à infraestrutura. Pesquisas sobre o tema apontam que a falta de banheiros, a ausência de locais adequados para descanso, a insegurança e a precariedade organizacional são fatores que impactam negativamente o bem-estar e a produtividade das empreendedoras (CARDOSO; FERREIRA, 2023). Em muitos municípios, essas condições são agravadas pela falta de políticas públicas voltadas ao comércio informal, o que deixa as trabalhadoras mais vulneráveis.

A sobrecarga gerada pela conciliação entre trabalho e responsabilidades domésticas permanece como um dos principais desafios enfrentados pelas mulheres. Mariano, Ferreira e Souza (2022) apontam que a rotina intensa, marcada por longos deslocamentos, jornadas prolongadas e acúmulo de tarefas, gera cansaço físico e emocional, dificultando o desenvolvimento dos negócios. Essa realidade é especialmente observada nas feiras municipais de Palmas (TO), onde muitas mulheres passam o dia inteiro nos pontos de venda sem contar com apoio adequado para lidar com as demandas cotidianas. Conforme destacam

Pedezzi e Rodrigues (2020), os desafios do empreendedorismo feminino englobam não apenas barreiras econômicas, mas também sociais e familiares, o que limita a autonomia e o pleno desenvolvimento dos negócios.

O estudo de Pedezzi e Rodrigues (2020) reforça que, em Palmas, as feirantes enfrentam barreiras que vão além da economia: envolvem desafios sociais, familiares e estruturais, e a ausência de políticas públicas específicas limita a autonomia dessas mulheres. Essas evidências conectam a realidade local à discussão nacional sobre o empreendedorismo feminino informal, mostrando que as dificuldades enfrentadas em Palmas são reflexo de problemas estruturais presentes em diversas regiões do país.

Assim, compreender o empreendedorismo feminino nas feiras exige reconhecer a interseção entre gênero, trabalho informal, vulnerabilidade social e desigualdades estruturais. As feiras representam, para muitas mulheres, não apenas um local de trabalho, mas um espaço de resistência econômica, de construção identitária e de afirmação social. A literatura indica que políticas públicas de apoio, infraestrutura adequada e ações de inclusão produtiva podem fortalecer significativamente a atuação dessas empreendedoras, promovendo melhores condições de trabalho e ampliando o papel econômico das feiras no município.

Além disso, ao observar o cenário nacional, percebe-se que iniciativas voltadas para capacitação, acesso a microcrédito e empreendedorismo social têm potencial de transformar a realidade das feirantes, promovendo não apenas a autonomia econômica, mas também a redução das desigualdades de gênero e a valorização do trabalho feminino informal (SEBRAE, 2024).

3 METODOLOGIA

Este estudo adotou uma abordagem qualitativa, adequada para compreender percepções, vivências e condições reais das mulheres que atuam nas feiras municipais de Palmas (TO). A pesquisa buscou captar, por meio das narrativas das feirantes, elementos relacionados ao empreendedorismo feminino, às condições de trabalho e aos desafios enfrentados no cotidiano das feiras, privilegiando uma análise interpretativa que possibilita compreender significados sociais, relações de poder e desigualdades de gênero presentes nesses espaços (HIRATA; KERGOAT, 2007).

O município conta com sete feiras estruturadas em diversos pontos da cidade, a investigação foi realizada em três localidades onde funcionam feiras municipais: Feira da 304 Sul, Feira dos Arnos e Feira do Jardim Aurenny I, todas situadas na cidade de Palmas (TO). Esses espaços foram selecionados por apresentarem significativa presença feminina e por reunirem empreendedoras que dependem diretamente da atividade feirante para sua renda e sustento familiar, conforme classificado na tabela 1.

Tabela 1. Localização das feiras municipais analisadas

Nome	Região	Observações Relevantes
Feira da 304 Sul	Plano Diretor Sul	Grande fluxo de público e diversidade de produtos
Feira dos Arnos	Plano Diretor Norte	Contexto periférico, Forte presença de mulheres na agricultura familiar
Feira do Aurenny I	Expansão do Plano Diretor Sul	Contexto periférico, Forte dependência econômica da feira

Fonte: Elaborado pelas autoras (2026)

A escolha desses pontos considerou ainda critérios de diversidade socioeconômica, representatividade de diferentes segmentos de produtos comercializados e fluxo de público, garantindo que a análise refletisse diferentes realidades dentro do contexto local, conforme apontam Peduzzi e Rodrigues (2020) em estudo sobre mulheres empreendedoras.

A amostragem das participantes seguiu um critério intencional, selecionando mulheres com pelo menos seis meses de atuação nas feiras, assegurando que suas experiências representassem o cotidiano desses espaços. A seleção também buscou incluir diversidade de idade, raça/cor e composição familiar, permitindo captar como diferentes dimensões sociais atravessam o trabalho informal feminino. Esse tipo de amostragem por propósito é recomendado em pesquisas qualitativas que buscam profundidade interpretativa e diversidade de perfis (CRESWELL, 2014).

A coleta de dados ocorreu por meio de entrevistas semiestruturadas, aplicadas a feirantes que aceitaram participar voluntariamente da pesquisa. O roteiro de entrevistas contemplou perguntas abertas que permitiram às participantes expressar suas experiências, desafios, estratégias de sobrevivência econômica, expectativas de crescimento profissional e percepção sobre políticas públicas e apoio institucional.

Entre os temas abordados, destacam-se: motivação para empreender, dificuldades enfrentadas, logística e deslocamento até a feira, infraestrutura disponível, acesso a políticas públicas, percepção sobre apoio governamental, segurança e higiene. As participantes foram identificadas apenas pelos primeiros nomes, respeitando a confidencialidade e a segurança das informações, em consonância com as normas éticas de pesquisa com sujeitos humanos (BRASIL, 2012).

Além das entrevistas, foi utilizada a observação direta nos ambientes das feiras, com o objetivo de registrar condições físicas, estrutura disponível, dinâmica dos atendimentos, movimentação e rotina das trabalhadoras. A observação permitiu identificar práticas cotidianas, improvisações estruturais, estratégias de visibilidade e organização do trabalho, aspectos que reforçam a compreensão da sobrecarga física e emocional enfrentada pelas feirantes, segundo Mariano, Ferreira e Souza (2022). Foram registrados elementos como horários de montagem e desmontagem das bancas, tipo de produtos comercializados, interação com clientes e entre feirantes, uso de espaços para descanso e alimentação, e situações de risco ou vulnerabilidade.

Adicionalmente, foram registradas fotografias do local e das bancas das feirantes, possibilitando uma análise visual do espaço físico, da organização das estruturas e das condições de infraestrutura disponíveis. As imagens complementaram a observação direta e as entrevistas, permitindo identificar elementos como ausência de banheiros, falta de sombra, condições de armazenamento, segurança e fluxo de clientes. O uso de registros fotográficos, associado à observação sistemática, é amplamente reconhecido na pesquisa qualitativa como recurso para compreensão do ambiente, das práticas cotidianas e das estratégias adotadas pelos sujeitos em contextos de vulnerabilidade (FARIA; CAMARGO, 2023).

Buscou-se garantir maior rigor metodológico por meio da triangulação de dados, combinando entrevistas, observação direta e fotografias como estratégias complementares de investigação. Essa combinação permitiu confrontar as percepções das participantes com a realidade observada nos espaços das feiras, contribuindo para uma análise mais consistente e aprofundada. A triangulação fortalece a confiabilidade dos resultados, minimizando vieses individuais e permitindo uma leitura mais ampla das condições de trabalho e da dinâmica do empreendedorismo feminino nas feiras.

Outro aspecto relevante da metodologia refere-se à valorização das narrativas das próprias feirantes como fonte central de conhecimento. Ao priorizar suas experiências, o

estudo reconhece essas mulheres como protagonistas na construção da pesquisa, permitindo evidenciar dimensões subjetivas, desigualdades estruturais e formas cotidianas de resistência que frequentemente permanecem invisíveis nas análises tradicionais.

Essa escolha metodológica dialoga com abordagens feministas contemporâneas. Segundo Mariano, Ferreira e Souza (2022), a pesquisa feminista defende a centralidade das vozes das mulheres, especialmente daquelas inseridas em contextos de vulnerabilidade social, buscando compreender como elas constroem sentidos, exercem agência e negociam condições adversas no trabalho e na vida cotidiana. Essas perspectivas reforçam a importância de produzir conhecimento situado, comprometido com a realidade vivenciada pelas participantes e atento às desigualdades de gênero, raça e classe presentes no contexto das feiras municipais.

A análise dos dados foi realizada por meio da análise temática, permitindo identificar padrões, recorrências e pontos críticos nas falas das mulheres, relacionando esses elementos ao referencial teórico do estudo. Foram especialmente considerados temas como infraestrutura inadequada, desafios de deslocamento, jornadas longas de trabalho, conciliação com responsabilidades domésticas, ausência de apoio público e percepções sobre segurança e higiene nas feiras (BRAUN; CLARKE, 2021). A análise também dialogou com a literatura nacional sobre empreendedorismo feminino e informalidade, estabelecendo conexões entre o contexto local de Palmas e as tendências observadas em outras regiões do Brasil (SEBRAE, 2024).

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante os meses de fevereiro e março de 2026, foram realizadas quatro entrevistas com feirantes atuantes em diferentes localidades da cidade de Palmas (TO) (Tabela 2.). O processo de sistematização dos dados envolveu a organização das informações obtidas em uma tabela descritiva, permitindo apresentar de forma clara o perfil das participantes, o local da entrevista, o tipo de produto comercializado e observações relevantes sobre suas trajetórias. Para preservar a identidade das entrevistadas, foram utilizados nomes fictícios.

Tabela 2. Perfil das entrevistadas

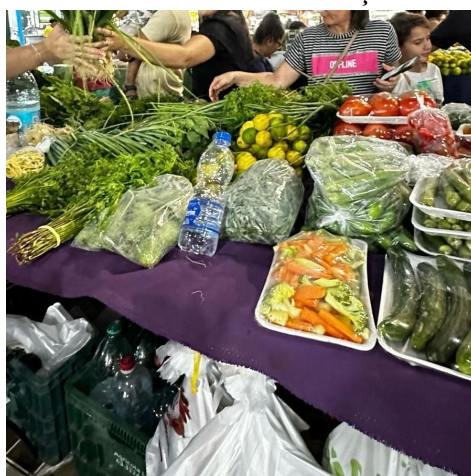
Nome Fictício	Local	O que comercializa	Perfil e Observações Relevantes
Tereza	Feira da 304 Sul	Hortaliças e produtos agrícolas da própria roça	Agricultora há mais de 4 anos na feira; relata dificuldade de transporte e armazenamento.
Rosa	Feira dos Arnos	Hortifrutas variadas	Agricultora; cultiva parte dos produtos e complementa com compras; possui baixa familiaridade com taxas e organização formal.
Helena	Jardim Aurenny I	Verduras, Frutas e temperos	Feirante experiente, reconhecida pelas demais entrevistas como referência; possui longa história na feira.
Luciana	Feira da 304 Sul	Hortifrutas e produtos complementares	Compra parte dos produtos de terceiros; estratégia para manter variedade e atrair clientes; trabalha com margens reduzidas.

Fonte: Elaborado pelas autoras (2026)

A análise das entrevistas realizadas com as feirantes da 304 Sul, Arnos e Jardim Aureny I demonstra que o empreendedorismo feminino nesses espaços está profundamente relacionado à busca por sustento familiar, autonomia financeira e continuidade de práticas produtivas transmitidas entre gerações. As narrativas evidenciam que muitas mulheres iniciaram suas atividades por necessidade, mas permaneceram por desenvolver vínculos com a feira, com os clientes e com a possibilidade de gerir seus próprios horários.

Como afirmou Tereza, “a gente trabalha aqui porque precisa levar comida pra casa... mas também porque já acostumou, a feira vira parte da vida da gente” (Entrevistada Tereza, 2026). De maneira semelhante, Rosa, da Feira dos Arnos, destacou que “se eu não estivesse aqui, não tinha como manter meus meninos... aqui é onde eu consigo me virar” (Entrevistada Rosa, 2026) (Imagem 1). Esses relatos reforçam que o empreendedorismo feminino nas feiras é tanto estratégia de sobrevivência quanto exercício de autonomia.

Imagem 1: Barraca de comercialização de hortaliças.



Fonte: Acervo pessoal (2026)

Ao mesmo tempo, as entrevistadas relataram desafios estruturais significativos, especialmente relacionados à precariedade da infraestrutura. Problemas envolvendo banheiros, falta de limpeza, ausência de área para descanso e cobertura insuficiente foram apontados de forma recorrente (Imagem 2 e 3). Helena, do Jardim Aureny I, relatou que “quando chove, molha tudo; quando faz sol, a gente fica no calor sem ter onde sentar um pouco” (Entrevistada Helena, 2026). Conforme observou Luciana, da 304 Sul, “a gente improvisa sombra com lona, mas não é o ideal para trabalhar o dia todo” (Entrevistada Luciana, 2026).

Imagem 2. Banheiros inoperantes da feira. Imagem 3. Banheiro com limpeza



Fonte: Acervo pessoal (2026)

Essas falas dialogam com o que aponta Cardoso e Ferreira (2023), que identificam a precariedade estrutural como um dos principais obstáculos enfrentados por feirantes mulheres em diferentes regiões do país. As fotografias registradas durante a observação corroboram essas percepções, mostrando áreas sem cobertura, bancas improvisadas e dificuldades relacionadas à higiene e ao armazenamento de produtos.

A pesquisa também evidenciou a dependência econômica dessas mulheres do trabalho na feira. Muitas delas sustentam totalmente a família com a renda obtida na venda de hortifruti, doces ou produtos artesanais. Lucélia, por exemplo, afirma que “todinha” a renda de sua casa vem da feira e relata que paga a faculdade da filha exclusivamente com o dinheiro da barraca. Esses achados dialogam com o entendimento de Reis e Borges (2023), que destacam que a busca por autonomia financeira é uma das principais motivações para o empreendedorismo feminino.

Além das questões econômicas, emergem aspectos relacionados à falta de apoio institucional. As feirantes mencionam a inexistência de espaços formais de diálogo com o poder público, dificuldade de acesso a cursos de capacitação e ausência de políticas que fortaleçam sua atuação como trabalhadoras autônomas. Luciana, da 304 Sul, afirma que “nunca chamaram a gente pra reunião nenhuma... a gente trabalha aqui, mas não sabe de nada do que a Prefeitura decide” (Entrevistada Luciana, 2026). Esse cenário está alinhado a estudos recentes que destacam a insuficiência de políticas de inclusão produtiva voltadas especificamente para mulheres em contextos informais e precarizados, evidenciando lacunas na articulação entre gestão pública, qualificação profissional e suporte às empreendedoras (BANDEIRA; ALMEIDA, 2015).

Outro resultado relevante diz respeito às diferenças de experiência entre mulheres de contextos distintos. Enquanto algumas feirantes da agricultura familiar que já participaram de eventos maiores relatam ter recebido apoio pontual, como transporte ou acolhimento, às mulheres das feiras municipais tradicionais, como Tereza (304 Sul), Rosa (Arnos), Helena (Jardim Aurenry I) e Luciana (304 Sul), afirmam não receber qualquer tipo de suporte público. Todas relatam que nunca houve oferta de cursos, orientações ou auxílio logístico. Esse contraste evidencia disparidades dentro do próprio município, indicando que as políticas de apoio ainda não alcançam as feirantes de maneira igualitária.

A pesquisa revela, ainda, que as feirantes enfrentam invisibilidade institucional, apesar do papel fundamental que desempenham na economia local e na segurança alimentar. As mulheres atuam em um contexto onde são responsáveis pela comercialização de alimentos e produtos essenciais, mas raramente têm seus direitos reconhecidos ou são contempladas por programas de incentivo, capacitação ou crédito. Esse fenômeno, observado em Palmas, reflete padrões nacionais de desigualdade de gênero e informalidade, nos quais empreendedoras informais permanecem à margem das políticas públicas e enfrentam múltiplas vulnerabilidades (SEBRAE, 2024).

A análise das entrevistas também evidenciou estratégias de resistência e resiliência. As feirantes desenvolvem mecanismos de cooperação, troca de informações e apoio mútuo para enfrentar desafios estruturais, demonstrando forte agência em um contexto adverso. A literatura aponta que esses espaços de comercialização, além de promoverem geração de renda, funcionam como locais de socialização, fortalecimento de redes de solidariedade e construção de identidade profissional (Pedezi & Rodrigues, 2020).

Outro aspecto relevante diz respeito à sobreposição de funções produtivas e reprodutivas. Muitas mulheres acumulam longas jornadas de trabalho na feira com atividades domésticas e cuidados familiares, configurando uma dupla jornada que impacta negativamente na saúde física e emocional, na produtividade e nas oportunidades de

crescimento profissional. Esse cenário aparece claramente no relato de Luciana (304 Sul), que afirmou: “Eu trabalho aqui o dia todo e ainda chego em casa para fazer o serviço doméstico. Faço tudo.” A fala reforça como a rotina exaustiva ultrapassa o espaço da feira e se estende ao ambiente doméstico, evidenciando a sobrecarga cotidiana. Esse fenômeno é amplamente discutido na literatura sobre empreendedorismo feminino no Brasil, que demonstra como políticas públicas insuficientes contribuem para a manutenção dessas desigualdades estruturais (HIRATA & KERGOAT, 2007).

As fotografias do local corroboram essas narrativas, permitindo visualizar condições como a precariedade de cobertura, ausência de locais de descanso, improvisos para armazenamento de alimentos e improvisação na organização das bancas. Essa evidência visual complementa a análise qualitativa, permitindo relacionar diretamente as experiências narradas com a realidade física das feirantes.

Por fim, os resultados obtidos neste estudo evidenciam que a realidade das feirantes de Palmas (TO) está diretamente alinhada com o cenário nacional do empreendedorismo feminino informal. Em diferentes regiões do Brasil, mulheres empreendedoras enfrentam desafios semelhantes, como ausência de infraestrutura adequada, dificuldades de acesso a crédito, insegurança e falta de apoio institucional.

5 CONCLUSÃO

O presente estudo analisou o empreendedorismo feminino nas feiras municipais de Palmas (TO), evidenciando a relevância econômica, social e cultural das mulheres que atuam nesses espaços. As quatro entrevistas realizadas nas feiras da 304 Sul, Arnos e Jardim Aurenny I revelaram que essas empreendedoras desempenham papel central no sustento de suas famílias, muitas vezes sendo a única fonte de renda do domicílio. Assim, as feiras municipais não se configuram apenas como locais de comercialização, mas como espaços de sobrevivência, autonomia, construção identitária e fortalecimento de redes sociais e comunitárias, refletindo o papel estratégico do empreendedorismo feminino na economia local.

Os resultados demonstram que, apesar da força e da resiliência que caracterizam a atuação dessas mulheres, as condições de trabalho enfrentadas permanecem marcadas por precariedade estrutural, invisibilidade institucional e desigualdade de gênero. Problemas como a ausência de banheiros adequados, falta de locais para descanso, longas distâncias percorridas até o ponto de trabalho, jornadas prolongadas, exposição a intempéries e insegurança foram citados de forma recorrente. Além disso, observou-se a inexistência de políticas públicas sistemáticas voltadas para atender às necessidades específicas das feirantes, incluindo capacitação, suporte financeiro, reuniões de escuta e incentivo à formalização, o que evidencia lacunas significativas na atuação governamental local.

Ao ampliar a perspectiva para o contexto nacional, torna-se evidente que as dificuldades enfrentadas pelas feirantes de Palmas refletem padrões estruturais observados em diversas regiões do Brasil. Pesquisas recentes têm demonstrado que mulheres que atuam no empreendedorismo informal enfrentam desafios que incluem precariedade de infraestrutura, falta de acesso a crédito, sobrecarga de trabalho e ausência de políticas públicas efetivas de apoio (SEBRAE, 2024).

Estudos específicos sobre trabalho feminino em mercados populares também indicam que fatores como desigualdade de gênero, responsabilidades domésticas e racismo estrutural agravam ainda mais as condições de atuação dessas empreendedoras (Mariano, Penati Ferreira e Ferreira de Souza, 2022). Assim, o empreendedorismo feminino não pode ser compreendido apenas como escolha individual ou alternativa de sobrevivência, mas como um

fenômeno estrutural atravessado por marcadores sociais que exigem maior atenção acadêmica, institucional e social.

As entrevistas evidenciam que as feirantes demonstram resiliência diante das condições precárias de infraestrutura e da ausência de apoio institucional. Embora não tenham sido identificadas estratégias estruturadas de cooperação ou organização coletiva, observa-se que essas mulheres desenvolvem formas cotidianas de adaptação, como ajustar preços para evitar perdas, chegar mais cedo para organizar a banca ou buscar alternativas de fornecedores quando necessário. Essas práticas revelam a capacidade de lidar com adversidades, mesmo sem suporte formal ou ações coordenadas entre as feirantes.

Outro aspecto observado refere-se à sobreposição entre trabalho na feira e responsabilidades domésticas. Algumas entrevistadas, como Luciana, relataram explicitamente que, além de atuar na feira, acumulam atividades de cuidado e tarefas domésticas, afirmando que “faz tudo, microempreendedora e dona de casa”. Embora esse tema tenha surgido de maneira pontual nas entrevistas, ele aponta para elementos de dupla jornada presentes na rotina dessas mulheres, o que pode impactar sua saúde, tempo disponível e oportunidades de crescimento profissional. Diante disso, reforça-se a necessidade de políticas públicas mais sensíveis às especificidades dessas empreendedoras, ainda que o fenômeno tenha sido apenas parcialmente evidenciado nos resultados deste estudo.

Dessa forma, torna-se evidente que políticas públicas eficazes devem englobar múltiplas dimensões: investimento em infraestrutura adequada, segurança, higiene, capacitação técnica e gerencial, acesso facilitado a crédito, participação das feirantes em processos decisórios e ações de valorização do trabalho informal feminino. Além disso, estratégias de inclusão produtiva devem priorizar a equidade, reconhecendo diferenças de vulnerabilidade entre feirantes de contextos distintos, garantindo que recursos e incentivos alcancem efetivamente todas as mulheres envolvidas.

Por fim, este estudo contribui para a construção de conhecimento crítico sobre empreendedorismo feminino informal, fornecendo subsídios para pesquisadores, gestores públicos e organizações da sociedade civil. Ao destacar desafios, estratégias de resistência e oportunidades de intervenção, os resultados reforçam que promover condições de trabalho dignas e inclusão produtiva para as feirantes é uma medida estratégica para o desenvolvimento econômico local, a equidade de gênero e a sustentabilidade social. O reconhecimento da atuação dessas mulheres como agentes centrais da economia informal deve nortear políticas e ações que transformem o empreendedorismo feminino em ferramenta concreta de empoderamento, justiça social e valorização do trabalho no Brasil contemporâneo.

REFERÊNCIAS

- MARIANO, Silvana Aparecida; PENATI FERREIRA, Lina; FERREIRA DE SOUZA, Márcio. Metodologia e ética feministas em pesquisa social com mulheres em situação de pobreza. *Revista Pesquisa Qualitativa*, [S. l.], v. 10, n. 24, p. 192–212, 2022. DOI: 10.33361/RPQ.2022.v.10.n.24.500. Disponível em: <https://editora.sepq.org.br/rpq/article/view/500> Acesso em: 1 abr. 2026.
- BANDEIRA, Lourdes Maria; ALMEIDA, Tânia Mara Campos de. Vinte anos da Convenção de Belém do Pará e a Lei Maria da Penha. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 23, n. 2, p. 501-517, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-026X2015v23n2p501> Acesso em: 01 abr. 2026.

- HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 37, n. 132, p. 595-609, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0100-15742007000300005>. Acesso em: 05 abr. 2026.
- BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. *Thematic analysis: a practical guide*. London: SAGE Publications, 2021. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=mToqEAAAQBAJ>. Acesso em: 02 abr. 2026.
- BRASIL. Ministério das Mulheres. *Relatório Anual Socioeconômico da Mulher – RASEAM 2024*. Brasília, DF: Ministério das Mulheres, 2024. Disponível em: https://www.gov.br/g20/pt-br/noticias/relatorio-anual-socioeconomico-da-mulher-retrata-a-situacao-das-brasileiras-a-partir-de-indicadores?utm_source=ecom. Acesso em: 03 abr. 2026.
- BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 13 dez. 2012. Disponível em: <https://www.gov.br/conselho-nacional-de-saude/pt-br/atos-normativos/resolucoes/2012/resolucao-no-466.pdf>. Acesso em 4 de abr. 2026.
- PREFEITURA DE PALMAS. Sedem realiza trabalho de melhoria nas feiras livres da Capital. Palmas, 11 abr. 2024. Disponível em: <https://www.palmas.to.gov.br/core/noticias/sedem-realiza-trabalho-de-melhoria-nas-feiras-livres-da-capital/>. Acesso em: 05 abr. 2026.
- PREFEITURA DE PALMAS. Seder realiza recadastramento de comerciantes que atuam nas feiras públicas municipais. Palmas, 09 fev. 2018. Disponível em: <https://www.palmas.to.gov.br/core/noticias/seder-realiza-recadastramento-de-comerciantes-que-atuam-nas-feiras-publicas-municipais/>. Acesso em: 05 abr. 2026.
- FARIA, Paula Maria Ferreira de; CAMARGO, Denise de. *Contribuições da fotografia para a pesquisa qualitativa: uma perspectiva histórico-cultural*. Revista Pesquisa Qualitativa, v. 11, n. 26, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.33361/RPQ.2023.v.11.n.26.491>. Acesso em: 05 abr. 2026.
- CRESWELL, John W. *Investigação qualitativa e projeto de pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens*. 3. ed. Porto Alegre: Penso, 2014. ISBN 9788565848886. Disponível em: <https://books.google.com/books?id=ZpnzzwEACAAJ>. Acesso em: 05 abr. 2026.
- REIS, Andia Cintia Oliveira Silvério dos; BORGES, Cejana Marques. Comportamento empreendedor feminino: um estudo na cidade de Palmas-TO. Revista FT: Ciências Humanas, v. 27, n. 129, 2023. DOI: 10.5281/zenodo.10386530 Disponível em: <https://revistaft.com.br/comportamento-empresendedor-feminino-um-estudo-na-cidade-de-palmas-to/>. Acesso em: 05 abr. 2026.
- GEM – Global Entrepreneurship Monitor. GEM 2024/2025 Global Report: Entrepreneurship Reality Check. London: Global Entrepreneurship Monitor/Global Entrepreneurship Research Association, 2025. Disponível em: <https://www2.gemconsortium.org/file/open?fileId=51621>. Acesso em: 01 abr. 2026
- SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. *Panorama do Empreendedorismo Feminino no Brasil*. Brasília: SEBRAE, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/empresas-e-negocios/pt-br/empreendedor/elas-empresend/panorama-do-empresend-ismo-feminino-no-brasil/estudo-do-empresend-ismo-feminino.pdf>. Acesso em: 02 abr. 2026.
- PEDEZZI, Bruna; RODRIGUES, Lilian Segnini. *Desafios do empreendedorismo feminino: um levantamento com mulheres empreendedoras*. Revista Interface Tecnológica,

Taquaritinga, SP, v. 17, n. 2, p. 398–410, 2020. DOI: 10.31510/inf.v17i2.863. Disponível em: <https://revista.fatectq.edu.br/interfacetecnologica/article/view/863>. Acesso em: 05 abr. 2026.

PREFEITURA DE PALMAS. Casa do Empreendedor ultrapassa 100 mil atendimentos em 2025 e amplia serviços aos empreendedores palmenses. Palmas, 23 dez. 2025. Disponível em: <https://www.palmas.to.gov.br/casa-do-empreendedor-ultrapassa-100-mil-atendimentos-e-m-2025-e-amplia-servicos-aos-empreendedores-palmenses/> Acesso em: 02 abr. 2026

NATIVIDADE, Daise Rosas da. *Empreendedorismo feminino no Brasil: políticas públicas sob análise*. Revista de Administração Pública, Rio de Janeiro, v. 43, n. 1, fev. 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-76122009000100011>. Acesso em: 02 abr. 2026.

CARDOSO, MARIA VITÓRIA SILVA; FERREIRA, LUÍS CARLOS.

A mulher feirante e as invisibilidades da classe trabalhadora feminina: desafios interdisciplinares

. Revista Interdisciplinar em Cultura e Sociedade, p. 1–16, 24 Dez 2023 Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/ricultsociedade/article/view/22892>. Acesso em: 2 abr 2026.